

## SEMINÁRIO DA PRAINHA 1864 - 1964

*Prof. Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis\**



A escolha deste dístico como lema da **Faculdade Católica de Fortaleza** é muito mais do que um simples recurso de marketing cultural. Hoje é muito comum as instituições utilizarem frases de efeito de cunho cultural, histórico ou, mais recentemente ecológico, para fins de marketing. Em nosso caso não foi esta a ideia. Ao escolher este lema pretendemos chamar atenção para alguns aspectos da história desta casa e sua importância no contexto da história intelectual do Ceará e de Fortaleza. Aspectos estes, muitas vezes pouco ou nada valorizados pela intelectualidade local. Consultando a historiografia cearense, especialmente a mais contemporânea, podemos perceber, sem muito esforço, que o papel histórico do Seminário da Prainha ficou reduzido ao de “**grande centro de formação do clero ultramontano**”. Isto se deve em grande parte a influência que o positivismo e outras matrizes de pensamento eivadas de preconceitos anticatólicos tiveram sobre a construção do campo intelectual brasileiro depois da proclamação da República.

Ao acolher a criação da Faculdade Católica de Fortaleza o Seminário da Prainha parece realizar o antigo sonho da criação de uma instituição de ensino superior católica em Fortaleza. Mas não é a primeira vez que o seminário serve de referência para a criação de uma universidade em nosso Estado. Não podemos esquecer a ligação profunda que a UECE tem desde suas origens, com o velho seminário. Por exemplo: Alguém lembra o dia em que se comemora o aniversário de fundação da UECE? **18 de outubro de 1973**. Isto mesmo: o mesmo 18 de outubro, cento e nove anos depois! Mero acaso da sorte? Acredito muito pouco em “acaso da sorte”. Parece-me o desabrochar de mais um fruto da efervescência intelectual iniciada em nossa terra depois da criação do Seminário Provincial do Ceará.

A longa história de envolvimento do Seminário da Prainha com o desenvolvimento da elite intelectual cearense demandaria muito mais que os poucos minutos de que dispomos nesta solenidade. Por isso me deterei em um recorte histórico: o contexto da fundação do seminário e as primeiras décadas de sua existência. Nele podemos demonstrar com clareza o argumento que agora sustentamos: o Seminário da Prainha teve um papel de destaque como uma das matrizes de formação da intelectualidade cearense de meados do século XIX até hoje.

Em 1864, ano da criação do seminário, Fortaleza tinha pouco menos que 20 mil habitantes, que viviam espremidos no quadrilátero formado pelas atuais avenidas Duque de Caxias, do Imperador e D. Manuel e a praia. O seminário ficava em uma localização privilegiada e bem ao gosto dos sanitaristas que cuidavam de higienizar as capitais do Brasil a exemplo do que acontecia na Europa e nos EUA: no barlavento da cidade, no alto de uma falésia e olhando para o mar da praia do peixe. Longe de cemitérios, matadouros, do burburinho e da sujeira da cidade.

A Fortaleza de então contava somente com 04 escolas secundárias para rapazes: O Liceu do Ceará, o Ateneu Cearense, o Panteon Cearense e o Colégio Cearense (do Pe. Luiz Perdigão). Para moças havia o Colégio da Imaculada Conceição (irmão caçula do seminário e que ainda merece igualmente ser estudado), e o Colégio Cearense (da profa. Carolina de Aragão).

Nesse contexto o seminário passou a acolher jovens de todos os lugares da província (posteriormente também das províncias vizinhas!) que seriam educados dentro dos princípios da educação francesa. O Francês era a língua materna dos padres formadores e era falada com fluência por alguns professores, mas não só! Era também a língua dos livros e manuais de teologia utilizados. O afrancesamento não parava aí; estava por todos os lados. Na espiritualidade de S. Vicente de Paula, nas devoções inculcadas nos seminaristas, nos horários (que eram iguais aos dos seminários lazaristas da França e assim permaneceram até 1914!), no estilo de vida e no modo de compreender o mundo.

Seria puro acaso ou mero fruto da boa “molecagem” cearense o fato de que o primeiro grêmio de intelectuais nascido na capital, menos de uma década depois da fundação do seminário (1872 -75), tomou o nome de “academia francesa”? E o que dizer dos intelectuais formados no seminário ou à sombra dele? Não foram só carolas pouco esclarecidos ou padres fanáticos e fanatizadores, como gostariam os positivistas. O que dizer do

Barão de Studart que ao mesmo tempo em que organizava o Instituto Histórico do Ceará e o Centro Médico Cearense, organizava também as conferências vicentinas às quais coordenou por 30 anos?

Em uma sociedade que se tornava cada vez mais plural, o seminário formava parte importante dos intelectuais que disputavam a atenção do povo cearense nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX. Ao lado de maçons e positivistas, espíritas e protestantes, que usavam com maestria os jornais e organizavam conferências para a população, se perfilavam gerações e gerações de padres e leigos católicos formados no seminário ou segundo o seu espírito.

Quão longe e quão perto estamos deste contexto! Quantas lições as paredes deste velho seminário tem para dar a esta nova instituição que nasce em seu seio! A Faculdade Católica de Fortaleza nasce iluminada por quase 150 anos de história (de erros e acertos!); mas, em contrapartida, nasce também com a missão de guiar pela mão o Seminário da Prainha em sua entrada no século XXI. Fazer com que ele retome seu lugar na trama da história. Fazer com que deixe de ser “aquele casarão vizinho ao Dragão do Mar!” e possa a cooperar com a Igreja em sua sagrada missão de Mãe e Mestra da Verdade.

Muito obrigado.

*\*Prof. Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis*

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza.